

# A INSTRUÇÃO DO FAIBRÁS NA REPÚBLICA DOMINICANA

## GENERALIDADES E OPERAÇÕES HELITRANSPORTADAS

*Do livro "A Experiência do FAIBRÁS na República Dominicana" do Cel Inf (QEME) CARLOS DE MEIRA MATTOS e seus oficiais.*

### 1. GENERALIDADES

#### 1.1. Introdução

A instrução é a atividade básica da tropa e a principal preocupação do comandante em tempo de paz. Da sua condução eficiente dependerá o sucesso das operações futuras, pois só ela assegurará o preparo físico adequado, o preparo técnico-profissional e o entrosamento das equipes de combate, fatôres indispensáveis para a obtenção da VITÓRIA.

O problema do aperfeiçoamento da instrução da tropa, simultaneamente com o seu emprêgo em operações ou na iminência do desencadeamento de operações, apresenta inúmeras dificuldades que exigirão planejamento detalhado do Estado-Maior e grande flexibilidade dos quadros.

Os principais fatores que influenciarão diretamente na solução do problema são:

- grau de engajamento da tropa nas operações;
- grau de adestramento da tropa;
- disponibilidade de meios;
- valor e iminência da ação inimiga.

#### 1.2. Aspectos Particulares de Instrução na República Dominicana

1.2.1. A instrução desenvolvida nos três contingentes sucessivos que integraram as unidades do FAIBRÁS apresentou uma nítida graduação em face da influência dos fatores acima enunciados, embora o quadro geral fosse sempre o mesmo — emprêgo ou iminência de em-

---

NR — Iniciamos, neste número, a publicação do capítulo dedicado à instrução no livro "A Experiência do FAIBRÁS na República Dominicana".

prêgo da tropa em localidade contra forças irregulares. Considerou-se sempre, também, a hipótese do deslocamento do conflito da Capital para as regiões montanhosas da cordilheira central.

Assim:

— O primeiro contingente que desembarcou em São Domingos em plena guerra civil recebeu ordem de emprêgo em curto prazo e tomou um dispositivo articulado em larga frente para o cumprimento da missão.

Em consequência, a instrução sofreu sérias restrições e ficou limitada à execução de tiros de instrução, ao treinamento intensivo de certos assuntos de emprêgo imediato nas operações em localidades, como: processos de sabotagem e terrorismo, construção de abrigos e barricadas com sacos de areia, instalação rápida de cavaletes de fritas, de certinhas tríplices, instalação e operações de pontos de controle de pessoal e viaturas. Teve início também a instrução de transporte em helicópteros, para alguns pelotões.

Para execução do programa de instrução era feito normalmente o rodízio de pelotões dentro das subunidades, como também das companhias do 1º escalão.

— O segundo contingente desembarcou em plena fase de transição, quando era preponderante a missão de manutenção da ordem, num clima de ações de terrorismo. Embora ocupasse ainda alguns setores particularmente importantes no centro da capital, já o grosso do efetivo estava reunido sob controle centralizado.

Desse modo, foi possível dar um notável incremento à instrução, não só dos assuntos já explorados com o primeiro contingente, como também, iniciar as instruções especializadas de:

- Operações com Helicópteros, para todo o efetivo da unidade;
- Operações em Selva e Guerrilha;
- Operações em Montanha e Guerrilha.

Deve-se ressaltar que o sistema de controle centralizado e a descentralização dos serviços das subunidades, em muito facilitou a execução da instrução em áreas afastadas e, por espaço de tempo considerável.

Para execução do programa de instrução, adotou-se o rodízio de Cia no âmbito do Btl.

— O terceiro contingente já desembarcou na República Dominicana com a unidade liberada da ocupação de setores. Durante o período em que permaneceu em território dominicano, sua atuação se caracterizou: pela manutenção de alto grau de adestramento e presteza de intervenção, em face da efervescência política das eleições e da posse do novo governo, bem como pela ocorrência de atos de terrorismo e tiroteios esporádicos.

Em consequência, foi possível atingir a um nível muito elevado na instrução da tropa. Assim, além dos assuntos já explorados nos contin-

gentes anteriores, a tropa foi intensamente trabalhada nos seguintes aspectos:

- Na Instrução Especial
- Execução da Pista de Tiro de Combate, englobando todas as armas de tiro tensão de infantaria;
- Execução de Jornadas de Tiro de Morteiro 81mm e 4.2, contra alvos inopinados, identificados apenas no momento da execução do tiro.
- Na Instrução Comum e de Especialistas
- Formaturas e Desfiles;
- Intensificação da Educação Física, com a execução de "cross-country" e demonstrações das várias modalidades de trabalho físico;
- Exercícios com os especialistas, particularmente do Pelotão de Comunicações, do Pelotão de Saúde e do Pelotão de Reconhecimento e Segurança.

Foi mantido o critério de rodízio entre as subunidades do Batalhão, e do Gpm Fzo Nav, com exceção para certas instruções especiais como a de Tiro de Morteiro, em que eram reunidas todas as frações de morteiro do FAIBRÁS.

1.2.2. A execução da instrução no âmbito da Brigada Latino-Americana (cujo Cmt. sempre foi o próprio Cmt. do FAIBRÁS), foi regulada pela "Nota de Instrução n. 13 LA", da qual constam os seguintes tópicos:

#### 1. Objetivo

O objetivo desta diretriz é regular as atividades de instrução nas unidades com o propósito de:

- Incentivar na tropa a observância de uma conduta moral, um comportamento militar e social irrepreensíveis, de acordo com as responsabilidades da missão e dos sentimentos de honra e dignidade dos povos da América;
- Aperfeiçoar os conhecimentos anteriores, particularmente de combate em localidade;
- Preparar a tropa para ações de contraguerrilha e para a guerra de montanha;
- Manter a eficiência combativa;
- Preparar a tropa para operações rápidas e de surpresa, transportada em aviões e helicópteros;

#### 2. Responsabilidade

Todos os Comandantes de qualquer escalão têm a responsabilidade de manter sua tropa em alto grau de eficiência moral e combativa.

Nesse sentido, todos os esforços devem ser orientados no preparo e execução de um programa de instrução que permita:

- Estar em condições de cumprir a missão operacional;
- Evitar a ação nefasta da inatividade.

### 3. Execução

Os Comandantes de Batalhão planejarão e executarão a instrução, observando os seguintes assuntos básicos:

#### 3.1. Assuntos comuns a todos os contingentes

- Educação Moral
- Educação Física
- Tiro de Instrução
- Ordem Unida
- Instrução de Polícia do Exército
- Instrução Tática Individual.

#### 3.2. Assuntos peculiares a cada contingente

- Aperfeiçoamento e complementação de assuntos julgados necessários, de acordo com o critério dos Comandantes de Contingentes Nacionais.

#### 3.3. Assuntos especiais (a cargo da Brigada)

- Instrução Helitransportada
- Instrução Tática em terreno montanhoso
- Instrução Tática na selva
- Instrução de Contraguerilha
- Instrução de Tiro de Combate.

#### 3.4. Assuntos referentes a Especialistas

- Aperfeiçoamento dos conhecimentos especializados, para atender as necessidades de serviço das próprias unidades, como por exemplo: cursos de motorista, mensageiros, telefonistas, policiamento e trânsito, etc."

1.2.3. A diretriz acima foi especificamente planejada para a situação vivida, inclusive incluindo na Instrução Comum para todo o contingente, o policiamento militar, indispensável a quem atua em localidade. A distribuição de assuntos demonstra que englobando cinco contingentes de diferentes nações, que não lhe estavam subordinados disciplinar e administrativamente, a Brigada, escalão operacional por excelência, optou por centralizar a instrução especial, de modo a obter a

padronização do conjunto; foram constituídas, então, equipes de instrutores e monitores, para cada instrução especializada, com elementos das unidades enquadrados.

1.2.4. É oportuno salientar, como informação, que as unidades norte-americanas operando na República Dominicana, organizaram uma Área de Instrução de Batalhão, montada com todos os detalhes e por onde passavam sucessivamente os Batalhões em rodízio periódico.

### 1.3. Ensinamentos para o caso Brasileiro

A instrução para o nosso soldado, de assuntos de aplicação imediata nas operações em localidade ou de assuntos especiais que normalmente não são objeto dos PP, apresentou resultados excelentes. Essa instrução, no Brasil, não deveria ser apenas executada por elementos selecionados em algumas unidades especiais, mas sim, ser assunto mais generalizado no adestramento de todas as Unidades.

A instalação de uma pista de reação de Instrução de Selva, de uma pista de Montanha, a execução de exercícios de longa duração de montanhismo, de sobrevivência na selva, a execução rotineira de exercícios de emboscada e contra-emboscada, bem como a instalação e execução da pista de Tiro de Combate, não apenas significarão um enriquecimento muito maior do soldado de infantaria, como constituirão um verdadeiro teste de sua capacidade profissional, desenvolvendo a sua auto-confiança, e, acima de tudo, prepará-lo para o tipo de operação mais provável no quadro das hipóteses de guerra.

### 1.4. Conclusão

Em face da possibilidade de emprêgo imediato, os contingentes deveriam chegar a São Domingos com as frações perfeitamente instruídas, de modo que as unidades permanecessem operacionalmente prontas; não obstante o intenso esforço, a capacidade e sacrifício das unidades formadoras dos diferentes contingentes, no Brasil não foi possível esta coordenação pelas seguintes razões:

- Pequeno prazo de incorporação dos soldados;
- Diferenças nos Quadros de Dotação de Pessoal e Material entre a Unidade a ser constituída e a Unidade formadora;
- Grandes claros nos Quadros de Oficiais e Sargentos, sómente preenchidos nas vésperas do embarque; muitos nunca tinham exercido, anteriormente, as funções em que estavam classificados;
- Grande número de funções preenchidas a título precário por deficiência de pessoal nas QM.

Do mesmo modo, foi constatado que a atribuição de formação dos contingentes a uma determinada unidade traz como consequências:

- Sério abalo na eficiência combativa da unidade que permanece em território brasileiro, pela drenagem do pessoal e material necessário;
- Decréscimo na qualidade do contingente, na hipótese de a mis-

são ser de longa duração; do mesmo modo, o material humano não atingiria o grau de apuro que atingiria se a seleção fosse realizada no âmbito geral do Exército.

Quanto à unidade destacada, o principal reflexo observado consiste na grande dificuldade de adaptação a viver isoladamente. Assim, o planejamento, a execução da instrução e administração são muito prejudicados, pois uma unidade incorporada não dispõe de pessoal, material e documentação necessários a uma vida autônoma.

Em face dos exemplos da República Dominicana, Suez, Congo, da situação do Brasil no conjunto das nações democráticas e da evolução da situação internacional, a experiência nos sugere uma solução definitiva, sem os atropelos e improvisações de última hora. Desse modo, poder-se-ia adotar as seguintes medidas:

— Criar um Centro para Formação e Treinamento de Unidades destinadas a serem empregadas no estrangeiro. O Centro incorporaria a experiência de todos os contingentes e a difundiria para todo o Exército. Atuaria também como depósito e elemento de ligação com os Órgãos Provedores. Teria esse Centro a organização semelhante a de um comando de Brigada de Infantaria.

— Enquadados por esse Centro, apenas para efeito de instrução, seriam constituídos, no mínimo, dois Batalhões, de organização especial, dispondo de autonomia administrativa e com todos os seus quadros e dotação de material completos.

Um Batalhão incorporaria no Gpt "A" e outro no Gpt "B" e seriam integrados por voluntários, reservistas de 1.<sup>a</sup> Categoria, selecionados mediante padrões adequados de estatura, higidez e nível de inteligência e cultura, que serviriam por um prazo mínimo de 18 meses.

Desse modo estariam asseguradas a continuidade da experiência, a unidade de doutrina, a seleção, o treinamento adequados e a constituição de unidades autônomas de emprêgo imediato. Essa força, em suma, constituiria o embrião nacional de uma futura Fôrça de Paz, pronta para intervir a qualquer momento e em qualquer local, em defesa da democracia.

## 2. INSTRUÇÃO DE OPERAÇÕES HELITRANSPORTADAS

### 2.1. Generalidades

#### a — Finalidade

A finalidade da instrução de Operações Helitransportadas, centralizada no âmbito da Brigada Latino-Americana, era:

— Ministrar aos quadros e à tropa conhecimentos básicos sobre Operações Helitransportadas.

- Realizar um treinamento básico do combatente, no terreno, em operações desta natureza.
- Nivelar esse tipo de instrução, no âmbito da Brigada Latino-Americana.

b — Conceito doutrinário

(1) — Definições

Operações helitransportadas:

É aquela na qual as fôrças de combate e seu equipamento são deslocados sobre o campo de batalha em helicópteros, sob o controle do comandante da tropa terrestre, para engajar-se em combate em terra.

Fôrça helitransportada:

Uma fôrça constituída de elementos de combate terrestre combinados com elementos de helicópteros, apta a realizar operações helitransportadas.

(2) — Características das Operações Helitransportadas

As operações helitransportadas são semelhantes a outra operações de combate terrestre, diferindo, porém, nos seguintes aspectos:

- As operações helitransportadas são normalmente executadas contra posições sumariamente organizadas ou após uma preparação para o ataque, nuclear ou não, com a vantagem de surpresa tática inicial.
- As fôrças helitransportadas podem desembarcar diretamente em seus objetivos ou em zonas adjacentes.
- As fôrças helitransportadas são particularmente vulneráveis durante o desembarque e a reunião.
- O tipo e a quantidade de equipamento pesado que pode ser levado para o interior da zona do objetivo são limitados.
- As fôrças helitransportadas são capazes de realizar operações em zonas inacessíveis por outros meios.
- As fôrças helitransportadas são particularmente vulneráveis aos blindados inimigos, devido às limitações de sua mobilidade em terra e de sua potência de fogo na zona do objetivo.
- As operações helitransportadas exigem superioridade aérea na zona do objetivo e neutralização do fogo terrestre inimigo.
- As condições atmosféricas adversas apresentam mais limitações às operações helitransportadas do que às terrestres.

(3) — Conceito do emprêgo

Empregam-se as fôrças helitransportadas em apoio ao esforço de um combate terrestre.

A sua utilização permite ao comandante tirar proveito da velocidade e flexibilidade do helicóptero no cumprimento de uma grande variedade de missões. A vantagem de poder realizar operações helitransportadas permite ao comandante:

- Apresentar uma ameaça constante que pode obrigar o inimigo a desviar fôrças de combate para manter uma posição forte na zona de retaguarda, para proteger as instalações vitais e manter os pontos críticos.
- Vencer distâncias e ultrapassar obstáculos e defesas inimigas.
- Aumentar substancialmente a área sobre a qual pode exercer sua influência.
- Dispor suas fôrças da maneira mais eficiente, mantendo reservas altamente móveis em zonas dispersas.

#### (5) — Missões

As missões para as quais as fôrças helitransportadas se adaptam, incluem:

- Incursões rápidas e de surpresa.
- Operações contra pára-quedistas e contra guerrilheiros.
- Operações de assalto transpondo um obstáculo.
- Aproveitamento dos efeitos de armas nucleares.
- Conquista e manutenção de pontos críticos.
- Fintas e demonstrações.
- Missões de reconhecimento e segurança com a finalidade de bloquear ou cobrir as vias de acesso inimigas.
- Contra-ataque às penetrações inimigas.
- Operações anfíbias (navio — praia).

#### (5) — Seqüência do planejamento

Desenvolve-se o planejamento de uma operação helitransportada na seqüência inversa do planejamento convencional. Normalmente, obedece-se à seguinte seqüência:

- Plano tático em terra.
- Plano de desembarque, incluindo o horário e a defasagem da tropa e do equipamento, baseado no plano tático em terra.
- Plano do deslocamento aéreo, baseado no de desembarque.
- Plano de embarque, baseado no deslocamento aéreo.

Normalmente, incluem-se como anexos de uma Ordem de Operações os quatro planos citados.

Caracteriza-se o planejamento de uma operação helitransportada pela simplicidade; no entanto, os planos devem ser os mais detalhados

possíveis, dentro das limitações do tempo. Normalmente não são feitos planos minuciosos e detalhados para o deslocamento de uma força de valor Companhia ou menor, pois isto não seria necessário.

## 2.2. Característica das áreas de exercício

— O Campo de Pólo foi utilizado como área de embarque das tropas (base de helicópteros)

Extensão — 200m

Largura — 100m

Terreno adjacente plano e extenso

— Área de aterragem A, utilizada para exercício de desembarque e ataque.

Extensão — 400m

Largura — 250m

Parte do terreno plano, onde aterravam os helicópteros; outra parte constituída por 2 elevações, onde eram realizados os ataques e consolidação de objetivo.

— Área de aterragem B, utilizada para exercícios de desembarque e vasculhamento de zona matosa.

Extensão — 350m

Largura — 200m

Parte do terreno plano, onde aterravam os helicópteros; outra constituída por uma zona matosa, onde era feito um vasculhamento detalhado.

## 2.3. Características do material empregado

a — Helicóptero HU — 1B do Exército Norte-Americanano

Velocidade — 160 milhas hora

Autonomia — 2 horas

Capacidade — Piloto, co-piloto, mecânico e 6 combatentes.

Carga interna — 1500kg

Carga externa — 1250 kg

Armamento — 2 mtr M60 ou 48 rojões (o armamento é facilmente adaptado ao helicóptero quando a missão o exige).

b — Armamento e material individual e coletivo

O peculiar de cada contingente.

## 2.1. Pessoal participante

### a — Equipe de Instrução

Instrução a cargo da equipe designada:

quatro (4) instrutores

cinco (5) monitores

Helicópteros e pilotos a cargo da 283º Aviation Company.

### b — Executantes

Contingentes do Brasil (1º/REsI e Fzo. Nav.), Paraguai, Honduras e Nicarágua, da Brigada Latino-Americana.

## 2.5. Execução

### a — Plano Geral de Instrução

A instrução obedeceu ao seguinte desenvolvimento:

#### — Instrução de Quadros:

Ministrada pela Equipe de Instrução Especial, abrangendo assuntos táticos e técnicos indispensáveis a êsse escalão.

#### — Instrução de Tropa:

Ministrada pelos Quadros, no âmbito das Subunidades da Brigada Latino-Americana, objetivando os conhecimentos técnicos indispensáveis para a aplicação no terreno.

#### — Aplicação no Terreno:

Ministrada nas áreas de instrução (Campo de Pólo, áreas A e B) na qual tomaram parte os Quadros e as tropas sob a supervisão da Equipe de Instrução Especial.

### b — Programa de Treinamento seguido para as instruções de Operações Helitrasportadas

(1) — Noções sumárias sobre o emprêgo tático da Operação Helitrasportada, dando uma notícia sobre:

Características (mobilidade, surpresa, velocidade de ação)

Princípios que regem (unidade de comando, planejamento detalhado, execução descentralizada).

Plano (simples e flexível).

(2) — Treinamento do embarque e desembarque, no acampamento, com um simulacro da parte interior do helicóptero HU-1B.

(3) — Treinamento de entrada e saída do helicóptero, com aparelho parado.

(4) — Treinamento da defesa do helicóptero.

(5) — Medidas de segurança, antes, durante e após o vôo.

(6) — Realização de vôo pelos Pel. Fzo., e Elementos de Cmdo. e Sv, com execução do Assalto Aéreo nas áreas A e B.

Obs.: — Aos quadros foi ministrada instrução da técnica de dirigir, do solo, as ações de aterragem e decolagem de helicópteros, principalmente no que diz respeito ao transporte de carga externa.

Os quadros, principalmente de oficiais, aprofundaram seus conhecimentos táticos no FM-57-35 Airmobile Operations — 1963.

c — Quadro de Trabalho utilizado para o treinamento da tropa

DIAS	D	D + 1	D + 2	D + 3	D + 4
MANHA	Noções sumárias sobre o emprégo tático de Op. Helitransportada. Explanações sobre as medidas de segurança.	Treinamento de embarque, defesa do Helicóptero, no Campo de Pólo.	Treinamento de embarque, defesa do Helicóptero, no Campo de Pólo.	A disposição dos Cmto de Cia. para a revisão e aprimoramento da instrução no acampamento.	Realização do vôo, com a execução do Assalto Aéreo.
TARDE	Treinamento de embarque e desembarque no acampamento. Treinamento da defesa do Helicóptero no acampamento.	A disposição dos Cmto de Cia. para revisão e aperfeiçoamento da instrução no acampamento.		Estudo do problema tático, pelo Pel. GC, Sec. Mrt. Mtr e Can S. R.	

d — Instrução Técnica

Advertência

Estas notas devem ser tomadas como orientação para o que convencionamos chamar da maneabilidade da operação helitransportada. Quase todas as suas partes, com algumas exceções, foram baseadas no emprégo do Pel Fzo, transportado pelo helicóptero HU-1B, em uso pelo Exército Norte-Americano, na República Dominicana. Como é óbvio, desde que se mude o tipo de helicóptero e a capacidade de passageiros, devem ser feitas adaptações na maneabilidade.

Convém ressaltar que, qualquer pelotão, seja de fuzileiro, de petrechos, de comunicações, sapadores, etc, poderá ser transportado, desde que sejam respeitadas as medidas de segurança determinadas pela característica do helicóptero. Um dos pontos de realce na maneabilidade da operação helitransportada, diz respeito à segurança durante o vôo.

Incute-se no soldado essa necessidade, a fim de diminuir os riscos de acidente durante os vôos de instrução, mas deve-se esclarecer que, durante a realização de um vôo real de assalto aéreo, normalmente as portas dos helicópteros permanecem abertas, a fim de facilitar e dar maior rapidez ao embarque e desembarque no objetivo. Isto aumenta a responsabilidade do Chefe de equipe, obrigando-o a verificar se todos os homens estão com os cintos de segurança ajustados e trancados.

### O PELOTÃO DE FUZILEIROS HELITRANSPORTADO

#### (a) — Antes do embarque

Duas medidas são tomadas a fim de facilitar a obtenção do máximo sucesso de uma operação helitransportada:

##### — Organização do Pelotão em equipes de vôo:

Nem sempre há possibilidade de se transportar a unidade tática do Pelotão de Fuzileiros, sendo assim forçoso, quando isto ocorre, quebrar esta unidade, a fim de que seja distribuído por equipes de vôo nos diversos aparelhos.

Há necessidade, no entanto, de um estudo meticoloso a fim de que, após o desembarque, possamos recuperá-la o mais rapidamente possível.

Normalmente, o Pelotão de Fuzileiros é transportado por 10 helicópteros, sendo 7 para pessoal e 3 para material (incl. uma viatura de 1/4 ton.). Cada helicóptero do tipo HU-1B, transporta 6 homens e, deve ser levada em consideração, a distribuição dos homens-chave e do armamento do pelotão pelos aparelhos, de modo que, a maior potência de fogo e a maior massa sigam na 1.<sup>a</sup> vaga.

##### — Preparação do material

Uma operação helitransportada é por natureza uma operação rápida em que se busca o máximo de surpresa tática.

Deve ser uma operação leve e os homens levarão consigo apenas o essencial em equipamento e armamento para durar em missão, 1/2 jornada, em condições normais.

Mochilas e sacos com o restante do material permanecem na área da Companhia, em um único fardo (para cada Pelotão), que será transportado pela Companhia, posteriormente.

##### — Enfardamento do material:

O Cmt. Pelotão deve, na área da Companhia, supervisionar esta atividade e verificar continuamente, se seus homens seguem as normas seguintes:

##### — Empacotar sómente o material determinado pelo escalão superior;

— marcá-los de modo claro e visível, de modo a facilitar a identificação posterior;

— reunir os fardos do Pelotão em um só, a fim de facilitar o transporte.

#### — Inspeção

Concluído o enfardamento do material a ser transportado, o Cmt. do Pel. deve inspecionar rigorosamente cada homem, a fim de evitar que levem para a missão quaisquer artigos que possam ser úteis como informação ao inimigo, tais como cartas da região, planos e ordens, fotografias, diários, cartas pessoais e outros documentos que não tenham sido autorizados.

O equipamento indispensável que o homem levará, deverá estar bem ajustado ao corpo a fim de evitar que venha prejudicar a rapidez na execução do desembarque, prendendo o homem às armações de ferro internas do helicóptero. Esta rapidez é essencial à segurança do pessoal e dos aparelhos.

Na inspeção deve também ser verificado o armamento individual, que não poderá estar carregado. Esta é uma medida de segurança muito importante, pois se uma arma disparar por acidente no interior de um aparelho, poderá inclusive causar sua queda, caso o tiro atinja o motor.

Nos treinamentos é proibido o uso de munição nas armas.

#### (b) — Embarque

O treinamento intensivo e a instrução objetiva de acordo com o planejamento da operação e a perfeita distribuição do Pelotão em equipes são fatores essenciais para se obter a máxima rapidez no embarque do Pelotão.

Cada equipe de vôo é formada por 6 homens, que devem saber exatamente qual o seu aparelho e qual o lugar a ocupar dentro dêle. Qualquer medida deverá ser tomada para facilitar esta fase; uma destas é marcar exatamente nos helicópteros a numeração correspondente a cada equipe de vôo.

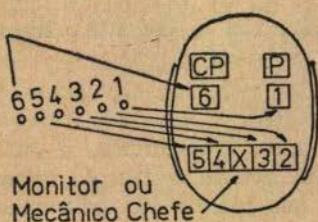
#### — Mecanismo de embarque

O pelotão de fuzileiros desloca-se para uma zona de embarque, onde, dividido em equipes de vôo, aguarda o momento do embarque. Os helicópteros não se encontram nesta zona e só aterraram naquele exato momento.

#### — Embarque de uma equipe de vôo no Helicóptero HU-1B

Uma equipe de vôo pode embarcar por uma porta ou pelas duas do helicóptero, conforme esteja previsto no planejamento do Cmt. do Pelotão.

## Embarque por uma porta



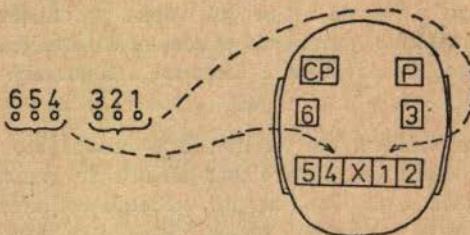
Equipe em coluna por 1  
Numeração de 1 a 6

O n. 1 embarca e toma o assento no banco oposto ao lado pelo qual entra a equipe

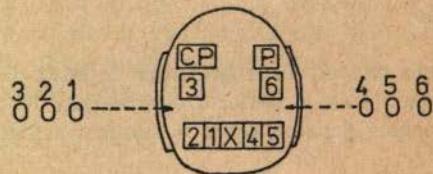
Na ordem, sentam-se os 2, 3, 4, 5. O n. 6 embarca e toma assento no banco em frente à porta de entrada, fechando-a

## Embarque pelas duas portas

a) equipe toda de um só lado do aparelho



b) equipe dividida nos dois lados do aparelho



## Conduta individual no embarque

Embarcar mediante ordem do chefe de equipe.

Nunca passar pela retaguarda do aparelho, pois a hélice traseira pode atingir a cabeça do homem.

Ao embarcar, manter o cano da arma baixo a fim de evitar que esta se prenda na parte superior da porta do aparelho e que retarde o embarque.

Após sentar-se, manter todo o equipamento ajustado ao corpo. Retirá-lo representará perda de tempo e dificultará o desembarque.

Apertar o cinto de segurança por sobre o equipamento — o cuidado a ter é o de apertá-lo mantendo sob ele livre o equipamento, a fim de facilitar o desembarque.

Dependendo do percurso a ser cumprido, ser ou não sobre água, colocar ou não o salva-vidas. No planejamento esta medida já é prevista.

Em caso de missão de combate, os fuzis estão carregados e travados, serão mantidos na vertical, entre as pernas, seguros pelas duas mãos.

#### Durante o vôo

A conduta do homem é manter a posição tomada após o embarque, conservando as armas na vertical entre as pernas, seguras pelas duas mãos.

#### Desembarque

Ao se aproximar da zona de aterragem, os chefes de equipe orientam seus homens sobre os detalhes acertados no planejamento quanto ao desembarque, inclusive recordando por qual porta deverá a equipe desembarcar.

No treinamento, os helicópteros voam com as portas fechadas e, a uma altura aproximada de cinco metros, o chefe de equipe comanda para que se preparem. O comando é o seguinte:

- Equipe, atenção!
- Preparar para desembarcar!

A este comando, os homens soltam os cintos de segurança e aqueles que estão sentados em frente às portas, abrem-nas.

Quando o helicóptero tocar o solo, o chefe de equipe comanda:

Equipe, atenção! Desembarcar!

Obs.: A diferença brusca de peso a pouca altura provoca grande desequilíbrio no aparelho pela pouca sustentação.

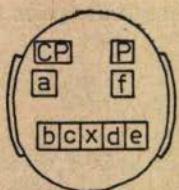
Deve-se evitar em treinamentos, por isto, esta ocorrência, que poderá provocar sérios acidentes.

Em ações reais de combate, os helicópteros podem voar sem as portas e, no Vietnam, têm sido empregados sem os bancos, desembarcando os homens a mais de um metro do solo, para se obter o máximo de rapidez.

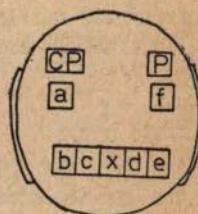
#### Desembarque por uma porta

O homem que está sentado em frente à porta salta e se dirige para a direção da frente do helicóptero, deitando e fazendo a proteção na direção do desembarque. Os demais elementos vão desembarcando, na ordem em que estão sentados, de modo que o último será o que está em frente à porta oposta, colocando-se ao lado esquerdo ou direito do

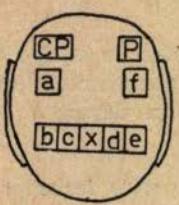
primeiro a desembarcar, conforme o desembarque seja feito, pela porta



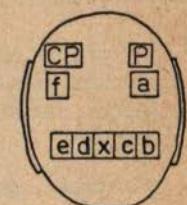
Desembarque pela porta direita. Helicópteros de formação enquadrados



Desembarque pela porta da esquerda. Helicópteros de formação enquadrados



Desembarque pela porta da direita. Primeiro Helicóptero



Desembarque pela porta da esquerda. Último Helicóptero

da esquerda ou da direita. Fazem também a proteção na direção do desembarque, da seguinte maneira:

O 1º homem do 1º helicóptero faz a proteção na direção paralela de vôo do helicóptero sem contudo cruzar fogo à sua frente, a fim de não atingi-lo no momento da decolagem.

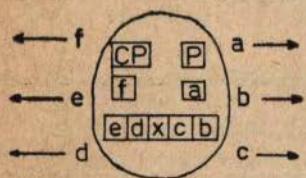
O último homem do último helicóptero faz a proteção da retaguarda do helicóptero.

#### Desembarque pelas duas portas

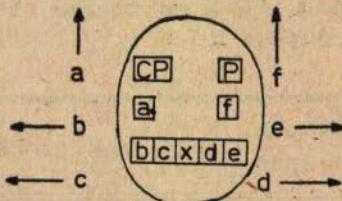
Os homens que estão sentados em frente às portas saltam e se dirigem para a frente do helicóptero; fazem a proteção nas suas respectivas direções de desembarque. Os demais elementos vão desembarcando, de modo que os últimos serão os que estão mais no centro do helicóptero. Fazem a proteção, como no desembarque por uma porta, cada um na sua respectiva direção de desembarque.

Os dois primeiros homens do primeiro helicóptero fazem a proteção da direção paralela de vôo do helicóptero, sem contudo cruzar fogo à sua frente, a fim de não atingi-lo no momento da decolagem.

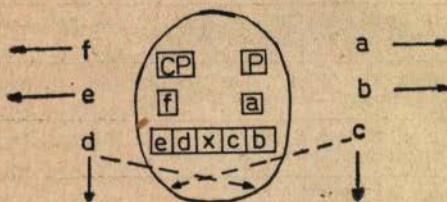
Os dois últimos homens do último helicóptero fazem a proteção da retaguarda do helicóptero.



Desembarque por duas portas  
Helicópteros enquadrados em  
formação



Desembarque por duas portas  
Primeiro Helicóptero



Fazem exceção às regras anteriores de desembarque os elementos que devem trabalhar em equipe, tais como: AT e MU da Mtr, AT e MU de L. Rojão, etc. Esses elementos devem desembarcar sempre do mesmo lado e de modo que fiquem tão próximos quanto possível, a fim de poderem fazer uso de suas armas; portanto, isso deve ser levado em consideração quando forem designados seus lugares de embarque.

#### e — Quadros de Embarque

Devido ao número de helicópteros disponíveis para a instrução (sete) e a diversidade na constituição dos Pelotões dos diversos países, apresentou-se à Equipe de Instrução Especial o problema de dividir pelos helicópteros os seus elementos, de modo que fosse mantido, o mais possível, a integridade tática das frações e a divisão das armas coletivas pelos diversos aparelhos.

Neste particular, os Pel. Fzo. tipo 1.º/REsI e Fzo. Nav. — FAIBRÁS foram os que melhor se adaptaram, quer pelo número de homens, quer pela constituição de suas frações.

## Exemplos:

(1) Quadro de embarque de 1 Pe. Fzo. (Tipo 1.º/REsl — FAIBRAS) em helicóptero HU-1B.

Número de Helicóptero	PESSOAL A EMBARCAR
1	Cmt. 1º GC — Msg Gr Cmdo Pel Esquadra ALFA ao 1.º GC
2	Cmt. Pel — Rad Op Esquadra BRAVO do 1º GC
3	Cmt. 2º GC — Mu 1º Pç Mtr Esquadra ALFA do 2º GC
4	Cb AT 1º Pç Mtr — Aux. AT 1º Pç Mtr Esquadra BRAVO do 2º GC
5	Cmt. Sec. Metr. — 2º Pç. Mtr. AT Rojão — Aux. AT Rojão
6	Cmt. 3º GC — Msg. Gr Cmdo Pel Esquadra ALFA do 3º GC
7	Sgt Adj. Pol Esquadra BRAVO do 3º GC

(2) Quadro de Embarque de 1 Pel. Fzo. (Tipo Fzo. Nav. — FAIBRAS) em helicópteros HU-1B.

Número de Helicóptero	PESSOAL A EMBARCAR
1	Cmt. 1º GC — 1º Esq. de Tiro do 1º GC Volteador de 1º GC
2	2º ET do 1º GC 3º ET do 1º GC
3	Cmt. Pol — 1º ET do 2º GC Volteador do 2º GC
4	Cmt. do 2º GC 2º ET do 2º GC
5	Sgt. Aux. Pel. 3º ET 2º GC
6	Cmt. 3º GC — 1º ET do 3º GC Volteador do 3º GC
7	2º ET do 3º GC 3º ET do 3º GC

### 5.5.6. Execução no terreno

Numa 1<sup>a</sup> fase, cada Pel. Fzo. realizou no mesmo dia 2 exercícios no terreno com o seguinte desenvolvimento:

(1) Embarque no Campo de Pólo

Deslocamento aéreo

Embarque na área A e proteção do helicóptero

Ataque a uma posição fracamente defendida

Consolidação do objetivo

Retraimento e embarque

Deslocamento aéreo

Desembarque no Campo de Pólo

(2) Embarque no Campo de Pólo

Deslocamento aéreo

Desembarque na área B e proteção dos helicópteros

Vasculhagem de uma zona matosa à procura de guerrilheiros

Retraimento e embarque

Deslocamento e embarque

Deslocamento aéreo

Desembarque no Campo de Pólo

Numa 2<sup>a</sup> fase, os Pel. Petrechos realizaram o exercício na área A, apoiando um Pel. Fzo., dentro de um quadro tático figurado, em que uma Cia Fzo. conquistava e mantinha uma zona de instalações de retaguarda inimiga. O desenvolvimento foi idêntico ao anterior, com a diferença de que o Pel. Fzo. foi transportado na 1.<sup>a</sup> vaga e o Pel. Ptr. na 2.<sup>a</sup> vaga. Nesse exercício, foi utilizado o Can SR 57 e não o Can SR 106.

Ainda na 2.<sup>a</sup> fase, o Pel. Rec. realizou um exercício na área B, atuando como Pel. Fzo.; os elementos do EM do Mtl. e o de Saúde realizaram um vôo à área A, onde simularam a instalação das Seções do EM e de um PS.

#### g — Resultados obtidos

Os resultados obtidos foram bons, variando para cada Contingente, de acordo com o preparo físico e instrução tática da tropa.

A quase totalidade dos homens jamais havia realizado um vôo em helicóptero e o receio no primeiro vôo ocasionou esquecimentos e desorientação no primeiro desembarque.

Isso foi sanado quase que totalmente, depois que os homens adquiriram confiança no helicóptero.

Foi exigido, dos quadros e da tropa, o mais absoluto acatamento às regras de segurança, principalmente durante o vôo. Algumas vezes, por defeito do material, os helicópteros realizaram o vôo com as portas abertas, como normalmente em combate, mas nessas ocasiões um oficial fazia a revisão dos cintos de segurança e os elementos da equipe embarcada recebiam recomendação especial.



**Helicóptero UH-1B — Bell. Empregado no treinamento de Operações Helitrasportadas (Assalto Aéreo) pela tropa brasileira, em São Domingos**



**Cena tomada quando do treinamento de Assalto Aéreo, vendo-se o Ten-Cel Paiva, o Cap Moreira e o Ten Ribeiro todos do I/RESL, e o Cap Tanner do Exército Norte-Americano e um piloto de Helicóptero**



Tropa do I/REsI recebe instrução teórica, antes de iniciar o treinamento prático, utilizando helicópteros



Um instrutor supervisiona o aperfeiçoamento de um instruendo na sinalização para a abordagem de um helicóptero, que transporta carga em seu exterior



Um instrutor supervisiona o aperfeiçoamento de um instruendo na sinalização para a abordagem de um helicóptero, que transporta carga em seu exterior



Treinamento de carga e descarga em uma Zona de Embarque





Embarque de tropa brasileira, no treinamento de "Assalto Aéreo". As aeronaves recebem o pessoal em uma Zona de Embarque



Esquadrilha de Helicópteros UH-1B transporta tropa brasileira no moderno emprêgo do "Assalto Aéreo", tornando-as aptas e ombreadas ao mais moderno e preciso treinamento, específico da antiguerrilha



Esquadrilha chega à Zona de Desembarque, previamente selecionada, onde a tropa realizará um assalto à posição inimiga



Tão logo o helicóptero toca o solo a tropa lança-se à captura dos objetivos previamente selecionados, num tipo de operações, cujo planejamento é detalhado e a execução descentralizada. Foram conseguidos os mais altos índices de precisão e rapidez, nada ficando a dever às experimentadas tropas da 82<sup>a</sup> Div Aet (USA)



Esquadrilhas de helicópteros de transporte de tropas numa Zona de Desembarque. Ao fundo, um helicóptero transportando carga, em apoio às operações



Um Fuzileiro Naval completando com êxito o aprendizado da descida de um helicóptero, em pleno voo, por cordas (acompanhado de seu instrutor)



Peotão em voo

O tempo médio de 7 segundos, para embarque e desembarque, a partir do momento em que a porta era aberta, foi conseguido na maioria das vezes. No entanto alguns homens, durante o embarque após o retraimento, erravam o seu aparelho e ocasionavam atraso na partida dos helicópteros. Apesar disso, a percentagem de erros desse tipo foi tão pequena, que serviu para ressaltar o grau de aproveitamento geral dos diversos Contingentes.

#### **h — Conclusão**

Ao final da missão na República Dominicana a Equipe de Instrução de Operações Helitransportadas acredita haver conseguido o seu objetivo:

“Ministrar aos quadros e à tropa conhecimentos básicos sobre Operações Helitransportadas, realizar o treinamento básico do combatente no terreno em operações dessa natureza e nivelar esse tipo de instrução no âmbito da Brigada Latino-Americana”.

Deve-se ressaltar que, apesar da diferença de língua e variedade na constituição dos elementos de cada País, a instrução transcorreu normalmente.

A Chefia da Equipe de Instrução Helitransportada (\*) que sempre estivera a cargo de um oficial brasileiro, resolveu adotar o único critério que lhe pareceu acertado: padronização da instrução técnica e liberdade na parte tática, de acordo com a doutrina utilizada em cada País.

Parece oportuno ressaltar, aqui, o indisfarçável entusiasmo demonstrado por todos os Contingentes em aprender tudo sobre esse novíssimo instrumento de guerra: o HELICÓPTERO.

*(Continua no próximo número)*

(\*) Chefaram a equipe de Instrução Helitransportada, sucessivamente, os Cap Inf MARIO DIAS DOMINGUES DA SILVA e ROMEU LANDINI, ambos do I/RESI.